



Dos bestiários à *Iconologia* de César Ripa: a construção de representações políticas e religiosas nos alvares da Época Moderna
De los bestiarios a la *Iconología* de César Ripa: la construcción de representaciones políticas y religiosas en los albores de la Edad Moderna
From bestiaries to the *Iconology* of Cesare Ripa: the construction of political and religious representations at the dawn of the Modern Age

Maria Leonor García da CRUZ¹

Resumo: A representação de lobos e de raposas, tradicionalmente escolhidos como representantes da ameaça às ovelhas que compunham a Cristandade liderada pelo Papa, Pastor de almas, foram animais usados do ponto de vista positivo e do negativo na literatura religiosa e profana, em bestiários, livros de emblemas e na “Iconologia” de César Ripa já nos finais do século XVI. Com base sobretudo neste último e num confronto com o pensamento político e os movimentos de espiritualidade quinhentistas, procurarei explicar significados nas representações textuais e pictóricas da época, numa abordagem que se insere no “Programa de Estudos Imagética” do Centro de História da Universidade de Lisboa.

Abstract: Wolves and foxes, traditionally chosen as representatives of the threat to the sheep that were led by the Pope, Pastor of souls, were animals used both positively and negatively in religious and profane literature, in bestiaries, emblem books and in the “Iconology” of Cesare Ripa in the late 16th century. Putting special emphasis on the latter and comparing political thought and 16th-century movements of spirituality, I shall attempt to explain meanings in the textual and pictorial representations of the time, in an approach that is part of the “Imagery Studies” of Lisbon University’s History Centre.

Keywords: Bestiary – Wolf – Fox – Machiavelli – Reform – Iconology.

Palabras-clave: Bestiario – Lobo – Zorro – Maquiavelo – Reforma – Iconología.

¹ Professora da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e Investigadora integrada do Centro de História da Universidade de Lisboa. Doutorada em História Moderna (1999), é investigadora responsável de projectos de investigação em Programas de Estudos Avançados no CHUL, “Imagética”/estudos interdisciplinares sobre representações e construções identitárias (desde 2005) e “Fazenda”/História do pensamento e da gestão económica, fiscalidade, redes sociais, política e ética (desde 2009). E-mail: ml.garciacruz@gmail.com.

rem

FIDORA, Alexander (coord.). *Mirabilia 23* (2016/2)
Ramon Llull. Seventh centenary
Ramon Llull. Séptimo centenario
Ramon Llull. Sétimo centenário

Jun-Dez 2016/ISSN 1676-5818

ENVIADO: 01.11.2016
ACEPTADO: 02.12.2016

Animais inimigos, o lobo (vilão, cruel e estúpido) e a raposa (hábil) confrontam-se em ambiente cavaleiresco no *Roman de Renard*, compilação dos séculos XII-XIII com larga repercussão pela Europa em diferentes línguas.

O confronto já existe na epopeia do séc. XII, *Ysengrinus*, da autoria de um homem da Igreja, e a Idade Média irá fixar a imagem do lobo pela sua ferocidade e estupidez.

Imagem 1²



A raposa, por seu turno, é tradicional e culturalmente, tida por matreira, traiçoeira, cheia de estratagemas, face a diversos outros animais e nas mais variadas situações, incluindo na corte do rei leão. No contexto social e político da época (séculos XII-XIII), salienta Jacques Le Goff a epopeia estratégica da raposa como a da busca demente por alimento, assim como, ela própria, a encarnação da relação do macho feudal na relação oscilante de sedução e de violência para com as mulheres³. Este

² BNF, Ms.fr. 1581, f.6v. *Li Brance de Renart ke JAKEMARS GIELLEE, de Lisle, traita* ou *Roman de Renart le nouvel.* BNF, Ms.fr.1581, 6v. *Internet*, <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Roman.de.renard.2.jpg>

³ LE GOFF, Jacques. *Héros & Merveilles du Moyen Âge*. Paris : Éditions du Seuil, 2005, p. 189.



FIDORA, Alexander (coord.). *Mirabilia 23* (2016/2)
Ramon Llull. Seventh centenary
Ramon Llull. Séptimo centenario
Ramon Llull. Sétimo centenário

Jun-Dez 2016/ISSN 1676-5818

mesmo autor no seu estudo sintetiza o itinerário da raposa no imaginário, e não apenas no da criação literária, até ao século XX.

É ardilosa e enganadora no século XIII, no *Roman de Renard*, como o continua a ser no século XVII nas Fábulas de la Fontaine. Entretanto, vai-se metamorfoseando, mais se diaboliza ao mesmo tempo que se humaniza. Com ela o espírito subtrai-se à força e muitas vezes vence. Chega ao ponto de simbolizar a resistência e a liberdade, e até mesmo a representação do justiceiro, nas criações de Robin Hood (desenho animado de 1973) e de Zorro (*O Sinal do Zorro*, filme de 1920), neste podendo notar-se com particular incidência a metamorfose e a máscara. Nos Bestiários, o sentido alegórico está bem vincado⁴ e com isso a maleabilidade das criações, tendo muitos significados subsistido até hoje, apesar do desmembramento que aquele sofreu desde finais do século XIV, passando a circular narrativas e imagens autonomamente ou inseridas em textos sobretudo de âmbito secular.⁵

Relacionado com Marte, Deus da guerra, cujo carro é puxado por dois lobos rapaces que representam, segundo César Ripa na *Iconologia*, a insaciável avidez dos que seguem os exércitos, acentua-se na representação do lobo o simbolismo da ferocidade, tornando-se na visão cristã uma ameaça ao rebanho dos fiéis. Em certas representações monásticas, sobretudo de dominicanos, os lobos são perseguidos como heréticos por cães frequentemente brancos⁶. Na dramaturgia portuguesa quinhentista, nomeadamente no *Auto da Cananeia* de Gil Vicente (1534), raposos e lobos, sempre errantes, constituem, por seu turno, o gado da pastora Hebreia (Lei da Escritura, aposta à Lei da Natureza, dos gentios, e à Lei da Graça, dos cristãos), isto é, o povo judeu, sempre em pecado, povo que fora escolhido e se fizera preverso.⁷

O lobo é na iconologia acentuadamente um símbolo da avareza. Analise-se atentamente essa definição na *Iconologia* de César Ripa. Na entrada sobre a “Avareza”,

⁴ Sobre a finalidade dos Bestiários e a sua vertente alegórica, leia-se Angélica VARANDAS, A Idade Média e o Bestiário. In *Medievalista*, ano 2, n.2, 2006, onde destaca que a maioria dos textos era dotada de três sentidos alegóricos, para lá do sentido literal: o alegórico, o moral e o místico, assumindo-se os animais como signos ou símbolos de uma realidade transcendente, devendo decodificar-se na sua articulação com a Sagrada Escritura.

⁵ MORAIS, Ana Paiva. Sobre os Animais na Matéria das Fábulas Medievais. *O Livro de Exopo*. In MIRANDA, Adelaide; CHAMBEL, Pedro (coords.). *Bestiário medieval. Perspectivas de abordagem*. Lisboa: IEM – Instituto de Estudos Medievais, 2014, p. 51.

⁶ IMPELLUSO, Lucia. *La Nature et ses symboles*. Paris: Éditions Hazan, 2004, p. 212.

⁷ Caracterizado como “a mais falsa relé/ que há i nos gados todos”. VICENTE, Gil. *Obras Completas*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1942-44, 6 vols.

ao descrever uma mulher pálida e magra (dado o insaciável apetite) que fixa o olhar melancólico, mas zeloso, numa bolsa fechada (entesouramento sem aplicação útil, nem para as suas necessidades), fá-la acompanhar de um esquelético lobo. Trata-se de acentuar os atributos de um animal ávido e voraz que com as suas investidas abertas ou furtivas (implicando fraude e engano) não descansa enquanto não consegue dizimar as suas presas, e estas nunca são suficientes, não saciando ele o seu instinto⁸. A sua compleição delgada valoriza os atributos de insaciabilidade.

Imagem 2⁹



⁸ O lobo e a avaréza ficam bem descritos no emblema *Oblivio paupertatis parens* de Andrea Alciato quando este descreve a forma como ao devorar uma presa se distrai com outra que avista e logo sobre ela se lança loucamente. ALCIATO. *Emblemata / Les emblemes*, 1584. Em linha: <http://www.emblems.arts.gla.ac.uk/french/emblem.php?id=FAI.c066>. Também o lobo surge aos pés da representação da “Peste ou pestilência” em César Ripa dadas as alcateias que aparecem nos campos em tempo de peste.

⁹ RIPA. *Della Piu che novissima Iconologia di Cesare Ripa*. Pádua: D. Pasquardi, 1630, p. 69. Em linha: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k310058k/f173.item.r=cesar%20riipa.zoom>



FIDORA, Alexander (coord.). *Mirabilia 23* (2016/2)
Ramon Lull. Seventh centenary
Ramon Lull. Séptimo centenario
Ramon Lull. Sétimo centenário

Jun-Dez 2016/ISSN 1676-5818

Daí não surpreender que o lobo apareça na representação do “Interesse próprio” nesta mesma obra, valorizando-se as características de fome e avidez contínuas ou que numa pintura de Jeronimo Massei (citado por Ripa), um homem, delgado e desnudo com orelhas semelhantes à deste animal e sob a sua pele, abraça com avidez o globo terrestre. Em fábula do *Livro de Exopo* (45, 22-27) o lobo (face à grua cujo magno auxílio não reconhece) é comparado ao mau homem¹⁰.

O lobo é, por outro lado, considerado de pouca memória, daí, numa representação de grande significado político, ser utilizado para definir o passado numa construção do “Conselho” em César Ripa. Um ancião, vestido à semelhança dos senadores e com uma corrente com um coração (de onde provém o bom e sincero conselho) ao pescoço, pisando um urso (a ira) e um delfim (a velocidade) emite pareceres (não meras conjecturas ou opiniões) conjugando numa das mãos um livro com uma coruja (reforço da ideia de sabedoria e meditação nocturna e sigilosa) e noutra três cabeças de animal, representando o leão o presente e a razão, o lobo o passado (virado para a esquerda) e o cão o futuro e a esperança. O conselho deverá ter como objectivo a utilidade pública, pressupondo prudência (como valorizava Aristóteles) e rectidão, experiência e muita maturidade. No que respeita aos negócios públicos poderá referir-se a impostos e contribuições, defesa e sobrevivência de uma comunidade, à guerra e à paz, a leis e estatutos. Naturalmente que o que se pode extrair da experiência e do conhecimento de factos passados, tão útil à ponderação e ao conselho, parece contradizer a escolha de um animal de fraca memória como o lobo, a não ser que se considere também as dúvidas¹¹ e os erros cometidos.

Seja como for, o Lobo associa-se a “Rapina” e violência, como se reforça na sua representação em César Ripa, assim como a “Silêncio” pela forma como surpreende a sua vítima (impedida de emitir qualquer som dada a rapidez do ataque) e se afasta furtiva e rapidamente, e ainda a “Voracidade” pela forma como devora a preza sem considerar necessidades futuras.

¹⁰ MORAIS, Ana Paiva. Sobre os Animais na Matéria das Fábulas Medievais. *O Livro de Exopo*. In MIRANDA, Adelaide; CHAMBEL, Pedro (coords.). *Bestiário medieval. Perspectivas de abordagem*. Lisboa: IEM – Instituto de Estudos Medievais, 2014, p. 61.

¹¹ Na *Iconologia* de César Ripa chama-se a atenção para a “Dúvida”, podendo esta ser representada por um homem puxando as orelhas de um lobo, baseado num ditado antigo.

A raposa, por seu turno, liga-se à hipocrisia e ao engano, ao mesmo tempo que representará a capacidade da mente humana para se adaptar, para se transformar. Da Vinci no seu Bestiário define-a pela falsidade¹².

Imagem 3¹³



Em *Emblemata*, livro de emblemas de Andrea Alciato (1492-1550), é a raposa o animal escolhido para ilustrar a divisa “Mentem, non formam, plus pollere”, isto é, quanto interessa o espírito e não a beleza, conclusão que se retira da descoberta pela raposa de uma máscara de teatro tão perfeita que parecia viva não fosse a falta de inteligência.

¹² DA VINCI, Leonardo. *Bestiário, Fábulas e Outros Escritos*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1995. A raposa finje-se morta, de língua de fora, para atrair outros animais, nomeadamente aves, que mata. Segundo salientou Angélica VARANDAS em *A Voz no Bestiário: Ecos da Raposa na Literatura Inglesa Medieval* (Diss. Doutoramento. Lisboa: Faculdade de Letras, 2003), essa particularidade aliando-se à da suspensão da respiração, acentuaria de forma negativa a sua imagem, num “plano oposto ao da palavra salvífica e redentora”, relacionando-a sempre com o pecado e o diabo. De salientar o acervo iconográfico incluído neste trabalho.

¹³ RIPA. *Della Pin che novissima Iconologia di Cesare Ripa*. Pádua: D. Pasquardi, 1630, p. 133. *Internet*, <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k310058k/f388.item.r=cesar%20ripa.zoom>

Imagem 4¹⁴



A máscara e falsidade voltam a estar presentes no emblema “Fictus amicus” de Joannes Sambucus (1531-1584) perante a possibilidade de nos depararmos com um inimigo perigosíssimo porque mascarado (com comportamento aparente de amigo mas revelando a sua verdadeira natureza nas orelhas e cauda de raposa):

«Pourquoy me flattes-tu soubz ceste peau regnarde?/ Pourquoy feins-tu ainsi nostre antique amitié?/ Ta main dextre me trompe, & l'autre je regarde/ La queue flechissant de ton inimitié./ Le voleur dans le bois on ne devroit tant craindre,/ Que la foy simulee & l'ennemy couvert:/ Car contre l'ennemy qui ouvert veut contraindre/ Ouvertement aussi de l'espee on se sert./ Mais il est mal-aise d'eviter une haine/ Qui se couve en secret, bien que lon soit accort./ Car alors que lon pense estre exempt de la peine,/ C'est à l'heure qu'on est plus proche de la mort.»¹⁵

A raposa já aparecerá em plena Época Medieval a pilotar uma nave de vícios, aparentando-se com o diabo, dadas as suas características relacionadas com o orgulho,

¹⁴ ALCIATO. *Emblemata*. Lyon: Macé Bonhomme for Guillaume Ronille, 1550. Internet, <http://www.emblems.arts.gla.ac.uk/alciato/emblem.php?id=A50a188>.

¹⁵ SAMBUCUS, Joannes. *Les emblemes*. Antuérpia: Christophe Plantin, 1567. Internet, <http://www.emblems.arts.gla.ac.uk/french/emblem.php?id=FSAa141>

a gula, a luxúria, os pecados da carne, etc.¹⁶ A raposa, tal como o lobo sobretudo em propaganda católica do século XVI, é por vezes representada como herege. César Ripa ao descrever a “Fé cristã e católica” na sua *Iconologia*, reportando-se a pinturas antigas, coloca três raposas sob os seus pés, numa atitude de domínio e convencimento, ou, em caso de perfídia, de opressão. A escolha destes animais decorre da sua malícia e das astúcias e enganos a que recorrem para apoderar-se do ânimo dos fiéis com discursos subtis.

Mas, curiosamente também os panfletos de inspiração protestante vão escolher o mesmo animal, a raposa, para caracterizar a Igreja e os seus acólitos. Não será, pois, o lobo escolhido pela referência a Roma, tradicionalmente representada pela loba que alimentou Rómulo e Remo, presente também na criação de Leonardo da Vinci de c. 1516 ao leme de uma embarcação que se destina a colidir com a águia real. A crítica à hipocrisia, ardileza e falsidade, elegem a raposa. Na verdade, a escolha recai não em lobos, mas em raposas quando se recria uma missa em folha volante do século XVI originária da Flandres e de circulação em meios francófonos.

Imagem 5¹⁷



¹⁶ BNF, Ms. fr.1581, f. 29v. Conforme comentário de Jacques LE GOFF. *Héros & Merveilles du Moyen Âge*. Paris: Éditions du Seuil, 2005, p. 183.

¹⁷ Folha volante incluída em processo inquisitorial. ANTT, Tribunal do Santo Ofício –Inquisição de Lisboa, processo de Álvaro Mendes, 1574. A imagem, da qual se seleccionou um pormenor, foi gentilmente cedida pelo Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

São raposas o sacerdote, provavelmente bispo, o seu diácono, o auxiliar de missa, os cantores, diante de um altar consagrado não a Deus e a Cristo, mas ao Papa, destacando-se a ausência da veneração das insígnias da paixão de Cristo como nas missas de S. Gregório, a cruz, velas ou imagens consagradas. As raposas mostram dentes proeminentes e garras. Mas o que sobressai é o seu significado simbólico, reforçado numa legenda sobre a “missa dos hipócritas” numa clara denúncia reformista à celebração da eucaristia e do fenómeno da transubstanciação e ao culto dos santos e do Papa.

A gravura protestante ao representar raposas, acentua a ambiguidade da celebração, o discurso invertido que se revela, sobrevalorizando uma máscara de astúcia e de corrupção, do ponto de vista disciplinar e doutrinário, ao transformar a divindade cultuada e ao introduzir objectos como o bordão do peregrino, o rosário e a bolsa fechada sob as garras de uma ave de rapina, assim como misturando com incenso as chaves do poder (símbolo papal) ou santificando Judas. Fosse Ripa a criar a imagem, atrás referida, de propaganda protestante sobre a “Missa dos hipócritas” e tê-la-ia preenchido com lobos, pois foi este animal que lhe serviu na criação da “Hipocrisia”: mulher vestida simplesmente, compenetrada como se se dedicasse apenas às coisas divinas, com um livro sagrado e um magnífico rosário numa das mãos, dando esmola a um mendigo (vanglória de uma caridade pública, embora falsa), mas revelando pernas e patas de lobo.

Imagem 6¹⁸



¹⁸ Edição de César RIPA. *Iconologia*. Pádua, 1611. *Internet*, http://lartte.sns.it/ripa/Iconologia_db/dettagli.php?idrecord=../ripa_img/1611/b/R217.gif



FIDORA, Alexander (coord.). *Mirabilia 23* (2016/2)
Ramon Lull. Seventh centenary
Ramon Lull. Séptimo centenario
Ramon Lull. Sétimo centenário

Jun-Dez 2016/ISSN 1676-5818

Note-se que este mesmo autor irá utilizar a raposa para descrever também a corrupção das autoridades civis, mais concretamente a Justiça. Aos pés de uma mulher sentada em tribunal, empunhando numa mão papéis e um colar de ouro – simbolizando que é pela palavra e pelo dinheiro que se influencia e corrompe o juiz – coloca a seus pés uma raposa, símbolo de astúcia e da habilidade em apoderar-se da vontade humana. Do ponto de vista político, muito haveria a acrescentar tendo em consideração a caracterização que um Maquiavel faz, nas primeiras décadas do século XVI de um governante eficaz, que sabe lidar com a virtude (política, do bem público) e com a sorte (fortuna), conservando a sua autoridade (*O Príncipe*, 1513). As suas armas são as leis, próprias do homem, e a força, naturalmente do animal, constituindo-se neste caso como qualidades a utilizar a força do leão e a astúcia da raposa¹⁹.

No *Theatre des bons engins* (c. 1544) de Guillaume de la Perrière (c.1503-c.1565)²⁰ verifica-se um emblema parecido com a caracterização de Maquiavel e com a seguinte legenda:

“LE Lyon est de coeur, & de stature,/ Fort & puissant, noble, vaillant & preux./ Le Regnard est, de sa propre nature,/ En tous endroictz, subtil, & cauteleux./ Le prince doibt ressembler à tous deux,/ Se triumpber veult par mer & par terre:/ En ce faisant, il peult grand bruyt acquerre,/ Et meriter un honneur non pareil:/ Monstrer se doibt (comme vray chef de guerre)/ Lyon en force, & Regnard en conseil.»

O leão surge em César Ripa, não raras vezes, ligado ao valor militar e de espírito, à persistência de carácter, sendo vincada a sua presença na representação da Razão de Estado.²¹ Já em Barthélemy Aneau (c.1510-1561), *Imagination poétique*, de 1552, na divisa “Les deux bastons de guerre” o autor interroga-se sobre a arte de reinar, pela força e pela fraude, colocando na imagem dois estandartes, um patenteando um leão, outro uma raposa.²²

¹⁹ Trata-se de uma complementaridade já que, segundo Maquiavel, a raposa sabe defender-se das armadilhas, ao contrário do leão, e este, por seu turno, consegue, ao contrário dela, meter medo aos lobos. *O Príncipe*, capítulo XVIII.

²⁰ DE LA PERRIERE, Guillaume. *Theatre des bons engins*. Paris: Denis Janot, (1544).

²¹ CRUZ, Maria Leonor García da. O crime de lesa-majestade nos séculos XVI-XVII: leituras, juízo e competências. In *Rumos e escrita da história: estudos em homenagem a A. A. Marques de Almeida*. Lisboa: Colibri, 2007, pp. 581-597.

²² ANEAU, Berthélemy. *Imagination poétique*. Lyon: Macé Bonhomme, 1552. Em linha: <http://www.emblems.arts.gla.ac.uk/french/emblem.php?id=FANb036>

Imagem 7²³



No tocante às qualidades que aproximam o governante do comportamento da raposa, poder-se-ia dizer que, a partir do discurso de Maquiavel, o príncipe, se necessário para manter a ordem e o poder, poderá mascarar-se,²⁴ – mas só pontualmente e em situações extremas. Assim, embora construindo a imagem de um príncipe de altas virtudes (semelhante ao príncipe cristão idealizado na época), “compassivo, fiel, humano, íntegro e religioso”, isto é, justo, liberal, misericordioso, equitativo, respeitador da crença do povo (religião como factor de união), íntegro (sem astúcias nem embustes), cumpridor de promessas com vista ao bem público, qualidades, aliás, que não é forçoso que possua na totalidade, ele poderá ter necessidade de desenvolver uma prática contrária – se para preservar esse mesmo bem público ou a sua

²³ DE LA PERRIERE, Guillaume. *Theatre des bons engins*. Paris: Denis Janot, (1544). Em linha: <http://www.emblems.arts.gla.ac.uk/french/emblem.php?id=FLPa022>

²⁴ Referimo-nos a vestir “trajes teatrais”, aludindo directamente às palavras de Erasmo no *Elogio da Loucura* (LVI) quando menciona a respeito dos príncipes o colar de ouro, a coroa de pedras preciosas, o ceptro e a púrpura como insígnias imperiais que se não forem símbolo de uma prática eficaz de virtude política, justiça e integridade, revelariam tão-somente vestes teatrais de um homem falso.

autoridade zeladora daquele²⁵. Isto aplica-se na política interna em relação à coordenação que deseja consolidar com os vários grupos sociais (grandes/minorias e vulgo/multidão)²⁶, assim como se aplica nas relações com poderes externos, relativamente ao cumprimento de tratados e alianças. Nesta perspectiva, torna-se de interesse a proximidade de uma representação de César Ripa, a “Liga”, salientando-se como a raposa é trucidada, ou pelo menos, dominada, aos pés dos aliados, constituindo neste caso seu inimigo comum.

Imagem 8²⁷



²⁵ Isto porque os homens não são todos gente de bem, mas sim maus, segundo Maquiavel em *O Príncipe* (capítulo XIII): “Convém também notar que um príncipe, sobretudo quando é novo, não pode respeitar singelamente todas as condições segundo as quais se é considerado homem de bem, pois, não raro, para conservar os seus Estados, se vê constringido a agir contra a sua palavra, contra a caridade, a humanidade e a religião. É por isso que deve ter o entendimento treinado para virar conforme os ventos da fortuna e a mutabilidade das coisas lhe ordenem, e, como já disse, não se afastar do bem, se puder, mas enveredar pelo mal, se for necessário”.

²⁶ Tal como nos principados, na república conseguir-se-ia um equilíbrio na governação conjugando o governante com as minorias e o povo à maneira da constituição mista romana (cônsules, senado e tribuno da plebe). Saliente-se a proximidade de concepção em obras distintas (até pelos objectivos e as circunstâncias históricas em que são elaboradas) como *O Príncipe* e os *Discursos sobre a Primeira Década de Tito Lívio* de Nicolau Maquiavel.

²⁷ RIPPA. *Della Piu che novissima Iconologia di Cesare Ripa*. Pádua: D. Pasquardi, 1630, p.436. Internet, <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k310058k/f528.item.r=cesar%20riipa.zoom>

Ainda do ponto de vista político e ideológico, convém, por fim, lembrar duas situações que se entrecruzam na luta política dos Países Baixos contra Filipe de Espanha na segunda metade do século XVI. Numa atitude de contestação à tirania, vários nobres manifestam-se junto da Regente trajando como mendigos²⁸. Ora nos andrajes destes, por costume e num alerta para o afastamento das populações de doentes pestilentos, usavam-se caudas de raposa. São assim representados por Pieter Bruegel, o *Velho* (c. 1525-1569) em *Os Mendigos* (1568). Mas não deixa de ser significativa a coincidência da cor fulva da cauda da raposa, cor que significava caridade, com as vestes de um dos principais conselheiros católicos que se combatia, um cardeal.

Imagem 9²⁹



A representação de lobos e de raposas é, desta forma, utilizada desde os Bestiários até à *Iconologia* de César Ripa em mensagens moralizadoras, mas, não raramente, de fundamento não apenas religioso, mas também político. Recorde-se a tal propósito pelo lado negativo o lobo e pelo positivo a raposa, com inteligência e astúcia que

²⁸ Henk van Nierop. A Beggars' Banquet: The Compromise of the Nobility and the Politics of Inversion. *European History Quarterly* (SAGE, Londres, Newbury Park e Nova Deli), v. 21, 1991, pp. 419-443.

²⁹ Pieter Bruegel "O Velho" (c. 1525-1569) em *Os Mendigos* (1568). *Internet*, https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Pieter_Bruegel_the_Elder_-_The_Cripples_-_WGA3518.jpg



FIDORA, Alexander (coord.). *Mirabilia 23* (2016/2)
Ramon Llull. Seventh centenary
Ramon Llull. Séptimo centenario
Ramon Llull. Sétimo centenário

Jun-Dez 2016/ISSN 1676-5818

qualificariam um príncipe bem-sucedido. Valoriza-se também quanto estes animais surgem identificados a hereges, mas em discursos por vezes ambíguos ou invertidos, intencionalmente. Católicos e protestantes acabam por usar nos conflitos da Reforma, nos séculos XVI e XVII, fórmulas semelhantes em programas iconográficos que pretendem diabolizar o opositor.

Fontes

- ALCIATO, Andrea. *Emblemata*. Lyon: Macé Bonhomme for Guillaume Rouille, 1550
ANEAU, Berthélemy. *Imagination poétique*. Lyon: Macé Bonhomme, 1552
ANTT, Tribunal do Santo Ofício – Inquisição de Lisboa, processo de Álvaro Mendes, 1574.
BNF, Ms.fr. 1581. *Li Brance de Renart ke JAKEMARS GIELLEE, de Lisle, traita* ou *Roman de Renart le nouvel*.
BRUEGEL, Pieter o Velho. *Os Mendigos*. 1563
DA VINCI, Leonardo. *Bestiário, Fábulas e Outros Escritos*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1995.
DE LA PERRIÈRE, Guillaume. *Theatre des bons engins*. Paris: Denis Janot, (1544).
ERASMO. *Elogio da Loucura*. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1973
MAQUIAVEL, Nicolau. *Discursos sobre a Primeira Década de Tito Lívio*. Lisboa: Edições Sílabo, 2010
MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1976
RIPA, Cesare. *Iconología*. 2ª ed. Madrid: Ediciones Akal, 1996, 2 vols. (tradução da edição de Siena de 1613)
Roman de Renard, Le. (trad. Jean DUFOURNET; André MELINE). Paris : Classiques Garnier-Flammarion, 1985
Roman d'Ysengrin, Le. (trad. E. CHARBONNIER). Paris : Les Belles Lettres, 1991
SAMBUCUS, Joannes. *Les emblemes*. Antuérpia: Christophe Plantin, 1567
VICENTE, Gil. *Obras Completas*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1942-44, 6 vols.

Estudos

- BUESCU, Ana Isabel. *Imagens do Príncipe. Discurso normativo e representação (1525-49)*. Lisboa: Edições Cosmos, 1996
BURKE, Peter. *Popular Culture in Early Modern Europe*. Nova Iorque, 1978
CRUZ, Maria Leonor García da. O crime de lesa-majestade nos séculos XVI-XVII: leituras, juízo e competências. In *Rumos e escrita da história: estudos em homenagem a A. A. Marques de Almeida*. Lisboa: Colibri, 2007, pp. 581-597.
CRUZ, Maria Leonor García da. *Gil Vicente e a Sociedade Portuguesa de Quinhentos – Leitura Crítica num Mundo de "Cara Atrás" (As personagens e o palco da sua ação)*. Lisboa: Gradiva, 1990
CRUZ, Maria Leonor García da, et al. *O Discurso Carnavalesco em Gil Vicente no âmbito de uma história das mentalidades*. Lisboa: GEC Publicações, 1984
DELUMEAU, Jean. *Le Catholicisme entre Luther et Voltaire*. Paris: PUF, 1971
DELUMEAU, Jean. *Naissance et Affirmation de la Réforme*. 3ª ed.. Paris: PUF, 1973
HAGEN, Rose-Marie e Rainer. *Pieter Bruegel o Velho cerca de 1525-1569. Camponeses, loucos e demónios*. Colónia: Benedikt Taschen, 1995



FIDORA, Alexander (coord.). *Mirabilia 23* (2016/2)
Ramon Llull. Seventh centenary
Ramon Llull. Séptimo centenario
Ramon Llull. Sétimo centenário

Jun-Dez 2016/ISSN 1676-5818

- HALE, John, *A Civilização Europeia no Renascimento*, Lisboa, Editorial Presença, 2000
- IMPELLUSO, Lucia. *La Nature et ses symboles*. Paris: Éditions Hazan, 2004
- LE GOFF, Jacques. *Héros & Merveilles du Moyen Âge*. Paris : Éditions du Seuil, 2005
- MESNARD, Pierre. *L'essor de la philosophie politique au XVIe siècle*. 3^a ed. Paris: Lib. Phil. J. Vrin, 1977
- MIRANDA, Adelaide; CHAMBEL, Pedro (coords.). *Bestiário medieval. Perspectivas de abordagem*.
Lisboa: IEM – Instituto de Estudos Medievais, 2014
- MORAIS, Ana Paiva. Sobre os Animais na Matéria das Fábulas Medievais. *O Livro de Exopo*. In
MIRANDA, Adelaide; CHAMBEL, Pedro (coords.). *Bestiário medieval. Perspectivas de abordagem*.
Lisboa: IEM – Instituto de Estudos Medievais, 2014
- PALOMO, Federico. *A Contra-Reforma em Portugal. 1540-1700.*, Lisboa: Livros Horizonte, 2006
- RIVALS, Claude (dir.). *Le Rire de Goupil. Renard, prince de l'entre-deux*. Toulouse : Le Tournefeuille,
1998.
- RUBIN, Miri. *Corpus Christi. The Eucharist in Late Medieval Culture*. Cambridge University Press, 1991
- VAN NIEROP, Henk. A Beggars' Banquet: The Compromise of the Nobility and the Politics of
Inversion. *European History Quarterly* (SAGE, Londres, Newbury Park e Nova Deli), v. 21, 1991,
pp. 419-443.
- VARANDAS, Maria Angélica. *A Voz no Bestiário: Ecos da Raposa na Literatura Inglesa Medieval*. (Diss.
Doutoramento). Lisboa: Faculdade de Letras, 2003.
- VARANDAS, Maria Angélica. A Idade Média e o Bestiário. *Medievalista*, ano 2, n.2, 2006.
- VOISENET, Jacques. *Bêtes et hommes dans le monde médiéval. Le bestiaire des clercs du Ve au XIIe siècle*.
(prefácio de Le Goff). Turnhour: Brepols, 2000.